

Os «*Santos Desertos*» e o Ideal de Perfeição na Península Ibérica – séculos XVI e XVII

Célia A. R. Maia Borges¹ - UFJF

Os centros eremíticos conhecidos como «santos desertos» tiveram um notável desenvolvimento no decorrer dos séculos XVI e XVII, em especial na Península Ibérica, além de outras partes da Europa e colônias hispânicas. Inspirados no modelo de vida dos primeiros anacoretas da história da Igreja, os eremitérios projetavam um ideal de santidade no início da Idade Moderna, que atraía inúmeras pessoas para a vivência da espiritualidade mística, em meio à efervescência religiosa impulsionada pelas reformas tridentinas.

É perceptível a valorização de um modelo de santidade pelo grande volume de livros que circularam na Península Ibérica, quer enaltecendo a figura do eremita, quer exaltando aqueles que optaram por uma vida de ascetismo nos ermos e nos desertos, sem contar os livros que procuravam identificar as pessoas vistas como santas. Os eremitas também incorporaram inúmeras peças literárias e, além disso, integraram um longo leque de temas iconográficos². Na segunda metade do séc. XVI Gaspar Barreiros registraria na sua *Chorographia* admiração pela vida dos eremitas em Monserrat³. Heitor Pinto teceria, em vários momentos da *Imagem da Vida Christã*, tanto na primeira como na segunda parte desta obra, louvores à vida solitária⁴.

A atração por um modelo de vivência espiritual, de conteúdo ascético-místico, assentou antes de mais na veiculação de um ideário religioso que atribuía à experiência intimista com Deus um papel primordial. A abundância de textos religiosos, de caráter ascético-místico, na Península Ibérica, dá a dimensão do interesse pelo assunto naquele período⁵.

Sem entrar aqui no debate sobre as prováveis razões que explicam as origens do movimento, certo é que o século XVI assistiu à publicação de inúmeros escritos de orientação espiritual abordando o modo de alcançar a união com Deus. Tratados sobre as formas de oração e sobre os diversos graus para se chegar à via unitiva compunham uma literatura que atraía inúmeros interessados na elevação da alma. Francisco de Osuna, Bernardino de Laredo, Luís de Granada, Diego de Estella, Juan de Los Angeles, Teresa d'Ávila, João da Cruz, Luis de Leon, são exemplos de um movimento maior. A atração pela via mística é patente nos inúmeros processos da Inquisição. A vigilância atenta às beatas e milagreiras, o controle sobre os místicos, a perseguição aos alumbrados, a censura imposta aos livros, tudo isso fez parte do contexto do século XVI e se arrastou até meados do século XVII. A sedução para o ermo e a busca de santidade compunham o clima de efervescência religiosa impulsionada pelo movimento da Contra-Reforma.

Contribuiu para este movimento o modelo de santidade projetado também pelos franciscanos capuchinhos, cujos eremitérios se localizavam nas serras da Arrábida e de Sintra, em Portugal. A fama de santidade dos religiosos que se entregavam a uma vida de intensas privações ajudava a fomentar esta idealização na segunda metade dos séculos XVI e XVII⁶. Silva Dias há muito destacou a influência capucha na segunda metade do século XVI, não só sobre as «massas populares, sempre sensíveis a expressões sinceras de penitência e de humildade, senão também sobre a própria classe dirigente, cujos paradigmas são as Casas de Bragança e de Aveiro»⁷. A Serra da Arrábida adquiriu fama junto das populações como lugar sagrado. Frei Agostinho da Cruz na segunda metade do XVI e início do XVII deixaria na sua poesia o registro do significado da subida à montanha, assim como a vivência na Serra⁸.

Na Espanha os franciscanos observantes já dispunham desde o século XV dos seus eremitérios. Aqui as práticas de espiritualidade ultrapassariam os muros dos conventos, de tal maneira que influenciaram inúmeros leigos.

A difusão dos centros conhecidos pelo rigor das práticas ascéticas obedecia a um interesse cada vez maior para se alcançar um ideal de santidade. Atraída pela vida dos primeiros anacoretas, Santa Teresa iria igualmente projetar nos *desertos* carmelitas reformados a possibilidade de uma vida santificada, em que procurou resgatar uma matriz imaginária da Ordem⁹.

Teresa de Jesus ao idealizar a vida no deserto e, ao projetar a criação dos mosteiros e eremitérios no âmbito das reformas carmelitas, tinha em mente o exemplo da vida austera dos primeiros eremitas que venceram as forças do mal. A representação mítica do deserto preenche uma longa tradição na história da Igreja. Para o povo de Israel é o lugar onde Deus se revela, «fala ao coração». Esta idéia aparece no livro do profeta Oséias (2, 16)¹⁰. No Novo Testamento Jesus é tentado no deserto pelo demônio (Mt, 4,1). Também Santo Alberto, no cap. 14 da sua *Regra*, se refere ao encontro do eremita com Satanás no deserto¹¹.

Ir para o deserto significava afastar-se da sociedade e mortificar-se. Ou seja, anular os desejos, a vontade e confrontar-se com o mal a fim de vencê-lo. A mortificação, a anulação da vontade, a humilhação e a ascese representavam caminhos para encontrar a luz divina.

Integrado no arcabouço imaginário daquele tempo, o franciscano Frei Pedro de Alcântara, contemporâneo de Teresa de Jesus, encarnava aos olhos da santa de Castela o modelo de santidade. Ela não se continha em tecer exclamações e em externar sua admiração pelas rigorosas penitências do franciscano: *Além disso, garantiram-me que ele portou durante vinte anos um cilício de folhas de lata*¹². As suas palavras impregnavam-se de um caráter nostálgico ao lembrar às monjas a grandeza dos santos Padres, sendo esta a matriz ideológica a partir da qual se pode entender a multiplicação dos desertos na Península Ibérica:

*Recordemo-nos de nossos santos Padres do passado, os eremitas, cuja vida pretendemos imitar: que terão eles enfrentando de dores, e a sós, bem como de frios, fome, sol e calor, sem ter a quem se queixar senão a Deus?*¹³

Os Santos Desertos em Espanha e Portugal

As províncias espanholas conheceram vários *desertos* de carmelitas descalços¹⁴: o de Bolarque, fundado em 1592; o das Neves criado em 1593, na Andaluzia; o de Batuecas, em Castela a Velha, no ano de 1599 e o de Cardon, na Catalunha, em 1606. Os eremitérios também se espalharam além-fronteiras. Na Nova Espanha (México) fundou-se o de Montes de Santa Fé, em 1606, na província de Génova o de Varale em 1618, e na Polônia o de Sae, em 1620¹⁵.

Os crônistas dos Carmelitas Descalços, pelas descrições da vida destes eremitérios, tiveram sempre o cuidado de evidenciar o rigor e a austeridade da vida dos seus monges e a adoção do modelo dos primeiros eremitas do deserto. Fazendo eco da literatura de cunho hagiográfico, disseminada na Província, eles enfatizaram a imagem de santidade que corporizava o imaginário da época¹⁶.

Ocupando um lugar de destaque na espiritualidade monástica, os desertos correspondiam a uma expressão da fé evangélica e espiritual. Os monges do Ocidente, sobretudo os ligados a experiências místicas, sentiam-se fascinados pelo ideal de santidade, representados pelo deserto. No início da história do *monaquismo*, os ascetas do Egito consideravam que somente o deserto permitia a solidão total que levaria à perfeição¹⁷. Enquanto *locus* sagrado, exerceu nos religiosos uma grande atração no que diz respeito às práticas indutoras do ideal de perfeição.

Apesar de imbuídos de um ideal da reforma religiosa e de busca da santidade, para além do rigor de uma vida penitencial, os freis não se entregaram somente à espiritualidade nos «desertos». Em Duruelo fundou-se em 1568 o primeiro mosteiro de Descalços da Ordem do Carmo, o de N. Sr^a do Monte Carmelo, que adquiriu fama em

razão do rigor ascético que ali se praticava. Teresa de Jesus ao visitá-lo não deixou de se impressionar com a severidade, o despojamento e o sentido de mortificação presente nas cruces e caveiras.

Ao entrar na igreja, fiquei espantada ao ver o espírito que o Senhor ali pusera. [...] Havia tantas cruces! Tantas caveiras! [...] O coro era no sótão, cuja metade era alta; podia-se recitar as horas, ms era preciso que as pessoas se abaixassem muito para entrar e para ouvir missa. Nos dois cantos laterais da igreja, havia duas ermidas onde só se podia ficar deitado ou sentado; estavam cheias de feno, porque o lugar era muito frio e o telhado quase lhes tocava a cabeça, contendo dois postigos que davam para o altar e duas pedras por cabeceiras, ficando ali, ainda, as cruces e as caveiras¹⁸.

O relato do Frei Francisco de Santa Maria em suas crônicas sobre a vida neste mosteiro, redigido no segundo quartel do séc. XVII, evidencia o ideal de vida eremítica, ao valorizar a ação dos freis que compara com a vida do profeta Elias¹⁹. A renovação do rigor primitivo era para os religiosos descalços do Carmelo uma forma de sacração e de aproximação aos ditos ancestrais da ordem.

Justo era quem queria renovar o rigor primitivo do Carmelo, procurasse assemelhar-se à idéia original, é a saber, o divino Elias, rodeado de peles, descalço e sem abrigo. E que o que se preciava de filho do grande Batista, lhe imitasse o rigor de seu vestido, que tanto lhe ajudou à conversão das almas [...].

Segundo o mesmo cronista, a fama do lugar iria estender-se por toda a região. Lavradores acorriam ao local e transmitiam as notícias às aldeias vizinhas²⁰. A propagação do ideal de santidade sustentou a atração pela vida nos eremitérios. Os descalços – não só carmelitas – eram vistos, de forma geral, pelos seus contemporâneos como merecedores de maior crédito na hierarquia de santidade por abraçarem a pobreza, o despojamento, as mortificações da carne e as penitências.

O Deserto do Bussaco: em busca do ideal

Em Portugal os Carmelitas Descalços providenciaram também por um santo *deserto*. Ainda que estabelecidos naquele país desde 1581²¹, apenas em fins da década

de 20 de Seiscentos conseguiram os religiosos portugueses desta ordem erigir uma casa eremítica²². Não obstante a instituição de vários ascetérios, a criação do eremitério resultou de uma longa batalha²³. A província de São Felipe, em Portugal, por muitos anos requereu aos superiores da Ordem, em Espanha, autorização para fundar um estabelecimento no ermo²⁴, o que veio a acontecer com o *deserto* de Santa Cruz do Bussaco, que significou a realização de um ideal perseguido por carmelitas descalços portugueses que lutaram arduamente pela construção do seu projeto. Obtida a licença em 1625, o convento foi edificado pelos próprios carmelitas, de 1628 a 1629, a norte de Coimbra, em lugar isolado, na serra do Luso, cujo local se denomina Bussaco²⁵. Único *deserto* carmelita em Portugal, esta localidade tornar-se-ia conhecida pela vida árdua dos monges que reproduziam as práticas ascéticas dos eremitérios espanhóis. Frei João do Sacramento nas suas *Crônicas dos Carmelitas Descalços* – à semelhança dos demais cronistas das ordens religiosas da época – enfatizava esse ideal de santidade justificado pelas intensas penitências e mortificações ali exercitadas. Os rigores em excesso integravam um projeto maior de busca da via unitiva.

Os Eremitas no Imaginário Português

Se os cronistas da própria Ordem immortalizaram as práticas ascéticas e místicas daquele freis, outros contemporâneos iriam deixar registros do lugar. Escritores, poetas e religiosos celebraram nos seus escritos este ideal da época e deram ênfase à vida contemplativa do mosteiro e à santidade dos seus membros. Gozar de uma relação de proximidade com estes centros perfazia o sonho de muitas pessoas daquele tempo. Parte da sociedade seiscentista, na Península Ibérica, comungava da crença na santidade dos eremitas. Jorge Cardoso, já aqui citado, no seu famoso *Agiologio Lusitano* contabilizou vários <santos> dentre os que viveram nos ermos²⁶. A poetisa Bernarda de Lacerda no

início da década de trinta do século XVI publicou em espanhol um livro louvando as perfeições do *santo deserto*²⁷.

A idealização do lugar como algo de sagrado, e ainda a vida simples que lá se levava, atraíam a atenção e a admiração de muita gente. O mistério em torno da vida dos monges, a aura de santidade, o despojamento e as práticas ascéticas, tudo contribuía para a criação e difusão do mito. Contribuiu para o interesse pelo imaginário em torno à santidade a multiplicação de livros relativos ao maravilhoso cristão e vida de santos, adquirindo impulso com a difusão da imprensa, o que ampliaria o número de leitores da vida de santos a partir do século XVI e XVII. Na Espanha, Caro Baroja contabilizaria o montante de 5835 títulos, de cariz religioso, entre 1500 e 1670.²⁸

As biografias de cunho hagiográfico evidenciavam parte do imaginário coletivo. Mas, ainda que este ideal ressaltasse nos inúmeros escritos da época, não era o único a orientar a ação dos homens naquela época. Em algumas textos do século XVII, a postura do eremita seria vista com alguma reserva²⁹. Apesar da desconfiança de alguns, o modelo de santidade nortearia o arcabouço mental dos séculos XVI e XVII.

NOTAS

- ¹ - Prof. Adjunta do Depto de História da UFJF e integrante dos programas de Pós-Graduação em História e em Ciência da Religião desta mesma Universidade. O presente trabalho integra a pesquisa desenvolvida no âmbito do pós-doutorado na Universidade Nova de Lisboa. A versão completa do texto, ora apresentado, intitula-se «Os eremitas no imaginário português: o deserto do Bussaco», ainda inédito.
- ² - A este respeito ver o excelente trabalho realizado por Alain SAINT-SAËNS. *La Nostalgie du Désert. L'idéal érémitique en Castille au Siècle d'Or*. San Francisco: Mellen Research University Press, 1993.
- ³ - Coimbra, João Álvares, 1561.
- ⁴ - Ver a este respeito o excelente estudo de José Adriano de Freitas CARVALHO, *Eremitismo em Portugal*, In: *Via Spiritus*, *op. cit.*, pp. 115-121.
- ⁵ - Ver sobre o assunto o livro de J. S da SILVA DIAS, *Correntes de Sentimento Religioso em Portugal. Séculos XVI a XVIII*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960. Muitos associam este movimento à veiculação de textos de origem germano-flamenga; outros, à influência italiana, ou ainda a ascendência da espiritualidade mística quer de origem islâmica quer judaica
- ⁶ - Sobre os conventos na Serra da Arrábida ver Maria Lucília PIRES, «Serra e Conventos na Crónica de província de Santa Maria da Arrábida». In: *Via Spiritus*, 7 (2000), 67-76.
- ⁷ - J. S da SILVA DIAS, *Correntes de Sentimento...*, *op. cit.* tomo I, Universidade de Coimbra, p. 155.
- ⁸ - Ver *Obras de Fr. Agostinho da Cruz*. Coimbra: França Amado Editor, 1918. [Conforme a edição impressa em 1771 e os códices manuscritos da Biblioteca de Coimbra, Porto e Évora] Com prefácio e notas de Mendes dos Remédios.
- ⁹ - Henri PELTIER. *Histoire du Carmel*. Paris, Editions du Seuil, 1958. p. 200.
- ¹⁰ - Daniel de Pablo MAROTO. *Historia de la Espiritualid Cristiana*. Madrid: Editorial de Espiritualid, 1990, p. 76.

- ¹¹ - Balbino Velaco BAYÓN. *História da Ordem do Carmo em Portugal, op.cit*, p. 21.
- ¹² - Livro da Vida. In: *Obras Completas. op. cit*, cap. 30, 2, p. 195.
- ¹³ - Caminho de Perfeição. In: *Obras Completas, op. cit*. capítulo 11, 4, p.333.
- ¹⁴ - Estudo fundamental sobre o assunto é o livro de Alain SAINT-SAËNS, *La Nostalgie Du Désert, op. cit.*. Ver também de Fernando R. DE LA FLOR. *De las Batuecas a las Hurdes. Fragmentos para una historia mítica de la Extremadura*, Junta de Extremadura, s.a.
- ¹⁵ - Fr. João do SACRAMENTO. *Chronica de Carmelitas Descalços particular da Provincia de S. Felipe do Reino de Portugal & sua onquistas*. Lisboa. Na Officina Ferreyrenciana, 1721. tomo II. cap. IX. (Fr. Joao do Sacramento, em nota prévia informa que o livro dá continuidade ao Primeiro Tomo escrito por Fr. Belchior de Santa Anna e resgata os escritos de dois religiosos da Ordem: Frei Francisco de Santissimo Sacramento, em 1665, e P. Frei André dos Reys, por volta de 1667).
- ¹⁶ - Este imaginário evidencia-se nos três tomos do *Agiologia Lusitano*, de Jorge CARDOSO, em que procura inventariar os «santos» de Portugal, não só religiosos mas homens, mulheres e beatas.
- ¹⁷ - *Dictionnaire Historique des Ordres Religieux*, dir. Agnes Gerhards, Paris, Fayard, 1998, pp. 201-202.
- ¹⁸ - Teresa de Jesus. Fundações. *Obras Completas, op.cit*. [ver especialmente capítulo 14 & 7].
- ¹⁹ - *Reforma de los Descalzos del Carmen, de La Primitiva Observancia, Hecha por Santa Teresa de Jesus, en la Antiquissima Religion, fundada por el Gran Profeta Elias*. Escrita por el Padre Fray Francisco de Santa Maria, su Generan Historiador, Provincial de Andalucia, natural de Granada. Tomo Primero. Madrid: Por Diego Diaz de la Carrera. 1644, p. 273.
- ²⁰ - *Ídem, p.274*
- ²¹ - Em 1581, o italiano Fr. Ambrósio Mariano de S. Bento aportara em Lisboa com alguns companheiros a fim de introduzir a reforma carmelita. Em Dezembro de 1584, seria a vez das primeiras religiosas reformadas, provenientes da Espanha, dando início ao mosteiro de Santo Alberto em Lisboa, numa casa da freguesia de Santos-o Velho. Na terceira década do século XVII, Portugal contaria já com quinze conventos de carmelitas descalços. Ver a respeito o livro de Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal*. Porto-Lisboa, Livraria Civilização Editora, 1968. v. 2, p. 183.
- ²² - Os fundadores do *Deserto* do Bussaco foram P. Frei Thomas de S. Cyrillo, João Batista, Irmão Alberto da Virgem (os dois últimos do Deserto de Batuecas). Juntaram-se a estes, frei Antonio do Espírito Santo, frei Bento dos Mártires e o Irmão Antônio das Chagas (oficial de alvenaria). Em 1628 dá-se a edificação do mosteiro. Em 1629, integraram a equipe dos fundadores, P. Frei Gaspar de S. Joseph(Março), os irmãos Lucas do Santos(Agosto) e Crispim de S. Joseph(Setembro). No ano seguinte, juntaram-se aos sobreditos, o P. Frei Gaspar dos Reis, Frei Manoel de S. Joseph, Frei Bernardo da Assunção. Cf. João do Sacramento, *Crônica de Carmelitas Descalços*, p. 89.
- ²³ - Fr. João do SACRAMENTO, *Crônica de Carmelitas Delcalços*, tomo II, p. 39 e segs.
- ²⁴ - Fortunato de ALMEIDA, *História da Igreja em Portugal, op. cit*, p. 185.
- ²⁵ - A doação foi feita por pelo bispo de Coimbra D. João Manuel, autorizado pelo Breve de Urbano VIII de 8 de Fevereiro de 1628. Vieram do Convento de Aveiro para fundar a nova casa os Fr. Tomás de S. Cirilo, Fr. João Baptista e o irmão Alberto da Virgem, os quais, eles próprios, trabalharam na construção do convento. Ver João do Sacramento. *Cronica de Carmelitas Descalços.*, *op. cit*. p. 62.
- ²⁶ - Não só aqueles que viveram nos *desertos* instituídos pelas ordens monásticas, mas nas ermidas e nos ermos. O autor fez um levantamento dos santos, beatos, mártires de «Portugal e suas conquistas» ao longo da história da Igreja. Na hierarquia de *santidade*, os franciscanos estavam no ápice dos mais citados. Os carmelitas descalços ocupam também um lugar de destaque. É de notar que a Ordem reformada tendo se erigido na segunda metade quinhentista, já aparece em destaque dentre os «heróis» lusitanos. Ver os três tomos do *Agiologia Lusitano dos Sanctos e Varoens Illustres em Virtude do Reino de Portugal e suas conquistas consagrado aos Gloriosos S. Vicente e S. Antonio insignes Patronos desta inclyta cidade Lisboa*. Tomo I (Jan-Fev), Lisboa, na Officina Craesbeekiana, 1552; Tomo II (Março-Abril), Lisboa, Na Officina de Henriques Valente de Oliveira, 1657; Tomo III, (Maio-Junho), Lisboa, Na Officina de Antonio Craesbeeck de Mello, ano 1666. Completa a coleção o IV volume, redigido por D. Antonio Caetano de Sousa.
- ²⁷ - Bernarda Ferreira de LACERDA, *Soledades de Buçaco*. Lisboa, Por Mathias Rodrigues. 1634, pp.6,7,8.
- ²⁸ - Cf: *Las formas complejas de la vida religiosa. Religion, sociedad y caracter en la España de los siglos XVI e XVII*. Madrid, Akal, 1978, p. 81-2. Citado por Joaquim Fernandes CONCEIÇÃO. *Espiritualidade e Religiosidade no Portugal Moderno. O Agiologia Lusitano do Padre Jorge Cardoso*. Dissertação de Mestrado em História Moderna e Contemporânea. Faculdade de Letras. Universidade do Porto, 1996. p. 59.
- ²⁹ - Alain Saint-Saën mostra que ainda que o modelo de santidade informasse o quadro mental da época, no entanto alguns autores interrogavam-se sobre o rigor eremítico. Cf. *La Nostalgie du Désert*, *op. cit*, pp. 189-197.